



## Território e modo de ser *A'uwê Marãiwatsédé - Ti'a na dahoimanadzé Wahi'rata nori tsi Marãiwatsété hoimandzébdzo hã*<sup>1</sup>

*Territory and way of life A'uwê Marãiwatsédé - Ti'a na dahoimanadzé Wahi'rata nori tsi Marãiwatsété hoimandzébdzo hã*

**Cosme Rite**

Universidade de Brasília (UnB)

e-mail: [cosme.rite@gmail.com](mailto:cosme.rite@gmail.com)

DOI: 10.26512/interethnica.v22i1.20903

**Resumo:** Os objetivos deste artigo são narrar o processo violento de retirada do território, descrever o modo de vivência, *Wahoimanadzé*, em terra sagrada e analisar como fomos, somos e seremos *Marãiwatsété tsipodo*. A metodologia empregada é a produção coletiva, isto é, foi feita por mim em conjunto com os homens no *Warã* e as mulheres em suas lidas cotidianas, os quais decidiram sobre os caminhos de pesquisa. Os conceitos de referência são a junção de espacialidades, temporalidades e histórias. Concluo que a travessia de luta que durou 47 anos, entre 1966-2013, iniciada a partir da expulsão estatal gerou sofrimento e tristeza que não conseguiram finalizar com a reocupação territorial.

**Palavras chave:** *Marãiwatsété tsipodo*, território, pesquisa coletiva, escrita em colaboração

**Summary:** The objectives of this article are to narrate the violent process of retreat from the territory, to describe the *Wahoimanadzé*, the way of living in sacred land and to analyze how we were, are and will be *Marãiwatsété tsipodo*. The methodology used is a collective production, in other words, this research was did by me with men in *Warã* and women in daily life, they have decided on the research paths. The concepts of reference are the junction of spatiality, temporalities and histories. I conclude that the 47-year-long struggle, between 1966-2013, which began after the expulsion of the state, generated suffering and sadness, but did not end with territorial reoccupation.

**Keywords:** *Marãiwatsété tsipodo*, territory, collective research, written in collaboration

Eu sou *Rite Cosme* da etnia *Marãiwatsété tsipodo*<sup>2</sup>, nasci no dia 08 de julho de 1983, na aldeia improvisada *Êtê aré* da Terra Indígena de Areões entre os municípios de Nova Xavantina (MT) e Água Boa (MT). Eu não nasci no local que define o meu povo, em *Marãiwatséde* (mata densa), eu sou *Marãiwatsété*

<sup>1</sup> Os termos na língua *A'uwê* estão em itálico.

<sup>2</sup> *Marãiwatsété tsipodo* é a denominação do povo da mata densa e *Marãiwatsédé* é o território da mata densa onde vive o povo. As palavras na língua Xavante estarão em itálico.

*tsipodo* (povo da mata densa). Nós não somos somente “A Sociedade Xavante” distribuída em comunidades ou unidades políticas autônomas, como disse Maybury-Lewis (1984), mas como mostrou esse mesmo autor somos mais do que isso. Xavante foi o nome dado pelos não-indígenas a nós, simplificando nossas realidades e histórias.

Antigamente, nossos velhos explicam, vivíamos todos reunidos em um mesmo território, na região de *Ropi'reba hawi*, em um território amplo, livre, que englobava *Marãiwatséde*, na aldeia *Tsõ'repré*, quando aconteceu uma briga interna entre famílias e essas famílias se dispersaram. A partir desse movimento migratório, as famílias foram ocupando territórios e se fazendo mais humanos, mais *Au'we*, cada grupo a seu modo passou a criar especificidades na língua, nos cantos, nas danças, nas pinturas, nas competições de corridas de buriti e na ocupação territorial. Fomos nos diferenciando, criando nossas especificidades, cuidando dos nossos corpos, fazendo nossos resguardos, incorporando territórios que passaram a nos marcar e ser marcados por nós. Assim, os territórios ocupados e as pessoas passaram a fazer parte uns dos outros, os *Marãiwatsété tsipodo*, meu povo, precisa do território *Marãiwatséde* para ser quem é hoje. Assim, histórias, cuidados corporais e ocupação territorial estão entrelaçados.

Então, eu não nasci neste território que faz o meu povo e que meu povo o faz, mas em outras terras. Fui criado a partir das narrativas históricas e práticas que vieram da relação com este território e que me foram relatadas pelos mais velhos, especialmente, meu avô e minha avó. Eu demorei para entender o que isso significava, o que era essa relação do meu povo com esse território que está na memória dos mais velhos. Neste trabalho, irei contar essa história, irei contar como aconteceu o processo violento de retirada dos meus antepassados de seu local, nosso deslocamento para outra terra de outros grupos e a luta pela retomada do nosso território tradicional. A luta por este território está em reconstruir as nossas vidas, sem-terra nós não construímos nossas vidas. As marcas nos nossos corpos que nos fazem *Marãiwatsété tsipodo* nunca se apagaram e queremos reavivê-las em nossa terra, por isso, desde o primeiro dia que nos retiraram de lá, lutamos para retornar. Isso aconteceu em 1966 e conseguimos ter nosso território de volta, reconhecido pelo Estado brasileiro, em 2012-2013.

Portanto, eu quero tratar sobre o modo de vivência do meu povo, *Wahoimanadzé*, em sua terra sagrada. Um conhecimento que os mais velhos dominam, mas que não está sendo valorizado. A perda da nossa terra, a expulsão da terra fragilizou o repasse do modo de viver dos *Marãiwatsété tsipodo*, *A'uwê uptabi*.

Quando fomos transferidos para Terras Indígenas de outros *A'uwê* (denominados Xavantes pelos brancos) já demarcadas, chegamos primeiro na TI São Marcos, depois fomos para TI Couto Magalhães, em seguida para TI Areões e depois para TI Pimentel Barbosa. Isso durou de 1966, quando nos expulsaram da nossa terra, *Marãiwatsédé*, até 2012/2103, quando conseguimos retornar a nossa terra.

Em 1966, sofremos várias mortes em São Marcos, e vivendo entre outros denominados Xavante vivenciamos alguns conflitos que nos fizeram transitar por entre essas TIs. Também, vivenciamos vários conflitos com não-indígenas, especialmente, com aqueles que queriam a nossa terra com a articulação dos políticos locais e regionais que tentaram impedir o nosso retorno. Hoje, em 2018, vivendo em nosso território, quero saber como fomos, somos e seremos *Marãiwatsété tsipodo*.

Para explicar essa história, fiz este texto foi construído em três partes, em primeiro lugar abordo o percurso de pesquisa de mestrado, realizada no MESPT – UnB, que deu origem aos dados aqui apresentados. Na segunda parte, analiso os A'uwê Marãiwatsédé em perspectiva histórica. A terceira parte narra a expulsão territorial promovida pelo Estado brasileiro e a reocupação do território 47 anos mais tarde.

### **Seguindo os rastros dos antepassados, o caminho que segui para buscar essa história**

Fiz esta pesquisa como parte da minha dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília, no Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, na Terra Indígena de *Marãiwatsédé*, nas duas aldeias de *Marãiwatsédé* e *Madzabdzé*. Essas duas aldeias foram construídas em momentos diferentes, *Marãiwatsédé* é a primeira aldeia que foi fundada na retomada, em 2004, e outra aldeia *Madzabdzé* é aldeia nova, fundada em 2015. Escolhi essas duas aldeias porque eu moro nas duas aldeias, divido a minha presença em *Marãiwatsédé* e em *Madzabdzé*, aldeia da minha mãe.

Busquei as respostas para este trabalho com os anciãos, as anciãs, os professores, as professoras e o cacique do território de *Marãiwatsédé*. Além das suas histórias de vida, quis saber o que eles pensam sobre todo o processo de resistência na retomada e uso do território. Quis saber o que é a sustentabilidade, ou melhor, o bem viver do A'uwê *Uptabi Marãiwatsédé*. Em cada aldeia nova dos *Marãiwatsété tsipodo*, há uma nova realidade e novos processos de iniciativa na construção do modo de viver, de resistir, de ter uma vivência, sem deixar de ser o mesmo povo *Marãiwatsété tsipodo*. Antes de ocorrer essa expansão das aldeias, houve um acordo para que, quando houvesse alguma festa, todos deveriam fazê-la na aldeia central de *Marãiwatsédé*. Isso acontece porque no processo de expulsão do nosso território na década de 1960, tivemos que viver em outras realidades A'uwê e, em algumas situações, tivemos que modificar nosso jeito de ser. Mas, agora, no nosso território de *Marãiwatsédé* conseguimos rever, retomar várias práticas que estavam na memória dos anciãos e anciãs. Existem vários jeitos de ser A'uwê, estamos na construção do nosso jeito.

Realizei este trabalho, também, em dois espaços importantes dentro da comunidade: no *Warã* e na escola. O *Warã* é local onde se reúnem os homens adultos Xavante, onde eles decidem o que irão fazer ao longo do dia nas atividades cotidianas e ao longo do tempo mais amplo, onde eles apresentam

seus sonhos, onde eles conversam sobre tudo e compartilham as decisões. Assim, conversei sobre esta pesquisa, fiz consultas sobre como deveria ser feita e decidi sobre os caminhos que esta pesquisa seguiu a partir das conversas com os mais velhos.

A minha pesquisa é uma produção coletiva, de todos os *A'uwê Marãiwatsédé*, os homens reunidos no *Warã* e as mulheres nas suas lidas decidiram sobre os caminhos da pesquisa. Então, não é uma pesquisa feita e pensada só por mim, por um indivíduo, mas, ela será sempre discutida pelo grupo dos *A'uwê Marãiwatsédé*.

Não é uma pesquisa onde coletei números sobre o jeito de viver *A'uwê Marãiwatsédé*, conversei com as pessoas que conhecem bem suas memórias o jeito *A'uwê Marãiwatsédé* e na conversa eu quero que eles/elas me contem como foi ser expulso e retornar para *A'uwê Marãiwatsédé*. Por isso, fiz uma pesquisa que os brancos chamam de qualitativa com a participação de todos; chamamos esse tipo de pesquisa de *dahimitsutu romhuri manhari* (trabalho feito em conjunto), do mesmo modo como corremos unidos na corrida de tora, esta pesquisa será feita em conjunto.

Para contar esta história, junto aos relatos dos mais velhos, na minha dissertação de mestrado, inseri fotos que estão nos acervos da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) do período da nossa expulsão até dias mais recentes. Também, fotografei os dias atuais para contar e inserir na narrativa que segue mais adiante. Não apresento essas fotos aqui, mas elas estão no trabalho da dissertação. A escrita deste trabalho foi feita ao longo das disciplinas do MESPT e da orientação com a Professora Sílvia Guimarães<sup>3</sup>. A partir da minha oralidade, construímos o texto escrito, eu a Professora Sílvia Guimarães, compartilhando conhecimento sobre minha língua e a língua *waradzu* (dos brancos, não-indígenas). Assim, cada palavra deste texto foi discutida e escrita em colaboração entre nós.

### **Quem são os *A'uwê* e como se identificam**

*A'uwê Uptabi* é como nós nos denominamos. O termo Xavante veio dos brancos para denominar vários grupos que conhecemos como *A'uwê*, o problema da denominação dos brancos é que ela faz parecer que os *A'uwê* são todos iguais, falam e vivem do mesmo jeito. Somos diversos, os *A'uwê* são diversos, eu sou *A'uwê uptabi* de *Marãiwatsédé* e há vários outros grupos em aldeias e territórios diversos. Essa ideia de um único povo Xavante nos traz problemas, por exemplo, a Secretaria de Educação do estado do Mato Grosso (MT), pensa que somos todos iguais; mas somos diversos internamente. Desse modo, o currículo de cada escola *A'uwê* não pode ser igual para todas as comunidades. Também, foi essa suposição de igualdade interna que fez com que, no processo de expulsão, fossemos para outras terras *A'uwê*, isso nos causou vários problemas.

---

<sup>3</sup> Professora do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais e do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

Os velhos contam que há muito, muito, muito, tempo atrás, muito antes dos brancos chegarem, havia um único povo *A'uwê Uptabi* na aldeia *Tsõ're'pré*. A partir de um dado momento, houveram muitas brigas entre eles, alguns fugiram para evitar mais mortes. Um desses grupos, o dos meus antepassados, se dispersou, migrou e parou de migrar até alcançar uma mata densa e alta. Esse local, foi considerado que seria o certo para eles terem seus filhos, viverem naquele território, criarem sua descendência. Isso aconteceu antes dos brancos chegarem, todo esse território por onde nos deslocamos e fizemos nossas aldeias é terra *A'uwê*. Por esses locais e ao longo do tempo, o grupo dos meus antepassados começou a se fazer.

Em *Marãiwatsédé*, havia uma mata alta, cheia de bichos, perigosa, onde outros povos não conseguiram viver, mas lá esse grupo *A'uwê* se fez e teve sua descendência. Nessa região, os brancos dizem que há o encontro do cerrado com floresta amazônica, mas para nós, era uma mata alta, densa e perigosa que nós encontramos. Nós, os *A'uwê*, nos distribuímos por um vasto território no atual estado do MT, formando grupos diversos. Esse território ocupado por nós foi reduzido pela presença dos brancos e suas cidades, estávamos nele, antes dos brancos aparecerem.

As aldeias *A'uwê* são construídas em um semicírculo. As casas são denominadas de *Rí* abrigam famílias extensas de 06 a 10 pessoas, e têm aberturas para o centro da aldeia. As mulheres exercem o papel principal na *Rí*, também cuidam do espaço da roça. No centro da aldeia acontece o *warã*, uma reunião dos homens adultos, onde são tomadas todas as decisões sobre as atividades que serão desenvolvidas, os sonhos são relatados estruturando essas atividades. Os meninos adolescentes dormem no *Hö* (casa dos solteiros). Os *A'uwê* realizavam grandes expedições de caça e coleta, quando vivíamos em acampamentos, onde as casas provisórias apresentavam a mesma distribuição espacial da aldeia. A caça era e é central; hoje, temos dificuldade de realizá-la diante do que fizeram com nosso território, muitos animais sumiram. Assim, há uma aldeia-base, local de partida e chegada, e os acampamentos provisórios.

O sonho é orientador para o caçador. *Du* - a caçada de fogo - é uma atividade especial, feita na época da seca, decidida e planejada pelos homens adultos reunidos no *warã*. Na lua crescente, quando a constelação de *Siruru* está alta no céu e o vento no seu movimento que propicia a dispersão do fogo, os homens adultos planejam a caçada *Du*. Os homens espalham-se, divididos em pequenos grupos. Alguns homens ateam fogo no mato seco, fazendo uma linha circular de fogo na área determinada. Os caçadores cercam os animais que fogem. Além desta caçada coletiva, fazemos caçadas individuais. Fazíamos *zõmori Marãiwatsédé*, quando grupos de famílias exploravam conjuntamente determinado território, acampavam, permaneciam um tempo nesse acampamento e mudavam para outra área. Hoje, fazemos isso entrando nas fazendas, circulando pelo território, o que é um problema, os fazendeiros não gostam e não querem entender essa nossa atividade.

Nosso povo está dividido em duas partes ou clãs, como denominam os brancos; são os: *Owawê* (que significa rio grande) e *Poiredza'õno* (girino, filho de sapo).

Os casamentos acontecem somente entre membros desses grupos opostos. Essa diferenciação está em vários locais e eventos, por exemplo, as casas estão dispostas da seguinte maneira: os *Poiredza'õno* estão do lado direito, e os *Owawê* estão do lado esquerdo. Em diversas cerimônias, os dois grupos lutam entre si, porém isto não significa que eles sejam inimigos. As lutas e jogos visam o aprimoramento dos *A'uwê* como povo e pessoas. Também, temos outras subdivisões internas aos grupos *Owawê* e *Poiredza'õno*, o que nos faz dividir, por exemplo, os adolescentes em duas casas *Hö*. Entre os *Owawê*, há os *Anhanamöwa*, *Ai'réré*, *Tinowa*, *Ahame're*. E entre os *Poiredza'õno*, há os *Tsada'ro*, *Ho'tomô*, *Eteda*, *Nodzo're*.

Os *A'uwê Marãiwatsédé* encontraram seu território ao sul<sup>4</sup> e ali encontraram a terra que cuidariam e que ela cuidaria deles. Não havia limites de estados, nas direções norte, sul, leste e oeste, mas um território a ser ocupado.

Então, *Marãiwatsédé* é nome do lugar ocupado pelo grupo *A'uwê* que vive lá desde o tempo dos antigos. Lá existem várias espécies de animais, pássaros, cobras, muita caça, material para produzir arcos e flechas. Não pensávamos que a mata era perigosa, mas pensávamos em ter nossa vida, assim passamos a viver no meio dessa mata densa, mata alta. Desse modo, surgiu a descendência do meu povo e o nome do lugar ocupado, na nossa língua é *Marã* que significa mata e *tsédé* significa densa e perigosa. Então, essa região passou a ser sagrada.

Hoje, após o processo violento de expulsão do meu povo de seu território, estamos vivendo de um modo diferente dos antepassados. Os nossos antepassados viviam e se relacionavam bem com a mata, com os animais, os rios e com as plantas em sua volta, porque a terra é a nossa mãe, que nos dá os recursos que nós utilizamos. Existiam várias espécies de plantas e animais para nos manter na nossa vida cotidiana e nos acontecimentos rituais. Tudo isso era feito pelos antepassados porque existiam diversos recursos naturais. Hoje, esse conhecimento está na memória dos mais velhos, também está na memória a localização dos lugares de caça, de pesca e coleta de determinada planta.

Sem mata não conseguimos viver, ao mesmo tempo, sem os *A'uwê Marãiwatsédé* a mata também não consegue viver. Sabemos interagir com a mata e tudo que ela tem como animais, plantas e rios.

### **A história de origem da remoção na trajetória do povo *A'uwê Marãiwatsédé***

Contar essa história explica quem somos. Somos *A'uwê Marãiwatsédé*. A história do meu povo é muito antiga, não irei narrar o começo de tudo, mas do começo do povo *A'uwê Marãiwatsédé*. Essa história teve início quando saímos da aldeia *tso'repré* por causa de uma briga entre os parentes, faz muito tempo. Vivíamos juntos, mas uma briga causou a dispersão de famílias em várias direções. Uma dessas famílias foi para a direção de *Röpi'reba* seguiram em uma expedição, parando eventualmente em alguns locais. Até chegaram em uma região de mata densa onde passaram a fazer roça, a caçar, a pescar e

<sup>4</sup> Para nós, *Marãiwatsédé*, está no sul, os não-indígenas indicam essa região como norte.

construíram a primeira aldeia, denominada de *Bo'u*. Essa região foi denominada de *marãiwatsédé*. Nessa aldeia, passaram a realizar vários rituais, especialmente o *danhono*, que é realizado para que as crianças passem a fazer parte de vida social dos casais, dos caçadores, dos pescadores, dos corredores de tora de buriti, dos cultivadores. E assim fazem a proteção do seu território, ocupando-o com as atividades da vida *A'uwê Marãiwatsédé*.

Já sabíamos da presença do homem branco ou *waradzu*, ele, ainda, estava distante. Eventualmente, aparecia algum homem branco na aldeia. Esses passavam a cavalo, com armas de fogo e com jeito muito diferente. Quando nos viam ficavam com medo e fugiam. Estávamos atentos, cuidando do nosso território, fazíamos expedições para viver, caçando, pescando. Vivíamos em um espaço livre, por onde circulávamos exercendo o manejo do nosso território. Havia um subgrupo *A'uwê Marãiwatsédé*, denominado *êtêpa*, formado por homens e mulheres, que viveram os rituais de iniciação em *Marãiwatsédé*. Eles se relacionam bem entre si e cresceram fazendo suas vidas no território *Marãiwatsédé*. Esse grupo *êtêpa* da aldeia *Bo'u* saiu para construir uma nova aldeia onde passaram a viver e ocupar o território.

Nossa aldeia, com o passar do tempo, começou a ser sobrevoada por aviões. Ao mesmo tempo, na aldeia *Bo'u*, os brancos estavam se aproximando. Mas, ainda, ninguém dos *A'uwê* quis se aproximar dos brancos, estávamos vivendo nossas vidas. Perto da aldeia de *êtêpa*, os fazendeiros fizeram uma pista de avião, sem ter se aproximado de nós. Estávamos observando a presença desses homens brancos, guardando nosso território, sem desencadear conflito.

A pista estava dentro do nosso território e próxima a aldeia, assim, alguns guerreiros foram a esse local, esperaram escondidos no mato a chegada do avião. Quando o avião pousou, dois guerreiros conhecidos foram ao encontro dos brancos, outros guerreiros esperaram escondidos na mata. Alguns estavam ansiosos aguardando o que aconteceria no encontro, o sogro de um dos guerreiros lamentava com receio de ver seu genro morrer. Mas, esse guerreiro segurou a asa do avião e os fazendeiros desceram e cumprimentaram esses dois guerreiros. Por isso, eles são heróis dessa aproximação ou contato com os brancos, eles souberam fazer isso sem desencadear conflito com o homem branco.

Com passar do tempo, a presença dos brancos ficou mais intensa em todo território de *Marãiwatsédé*. Os *A'uwê* passaram a se reunir na aldeia *êtêpa* com receio da ameaça dos brancos que se aproximavam cada vez mais. Os brancos estavam ameaçando os *A'uwê*, dizendo que iriam matá-los se eles ficassem no território que estava sendo ocupado pelos brancos, esse território era o local de pesca, de caça, de fazer roçado, de colheita dos *A'uwê*.

Um funcionário de uma fazenda próxima passou a viver na aldeia e foi acolhido pelos *A'uwê*. Ele aprendeu a língua dos *A'uwê*. Ele começou a arregimentar os jovens *A'uwê* para trabalharem nas fazendas, fazendo picadas, casas. Esses jovens não recebiam nada de pagamento, só comida, era uma escravidão. Esses jovens foram por coragem e vontade de conhecer e de ter essa vivência, eles não

sabiam que seria um regime de escravidão e que estavam trabalhando para instalar os brancos. Estávamos conhecendo, vivendo e percebendo o que estava acontecendo.

O cacique Dutra passou a liderança para o cacique *Ru'awê*, ele distribuía as coisas que os fazendeiros traziam, as roupas, comidas, facas, açúcar entre as famílias. Isso era o jeito dos homens brancos se relacionarem conosco para nos controlar e não deixar acontecer nada com suas fazendas. Nesse tempo, chegaram os missionários católicos da Missão de São Marcos junto com os parentes Xavante. Esses missionários viveram pouco tempo entre nós.

Os fazendeiros tentavam atrair algum *A'uwê* para ter o queriam de nós. Os fazendeiros e missionários iniciaram um processo para tentar nos convencer de abandonar nossas terras e ir para o território de outros Xavante. Os missionários falavam que se continuássemos na nossa terra, os fazendeiros iriam matar todos. Estava tudo preparado para eles nos retirarem de nossa terra, não sabíamos de nada. Continuamos com nossas vidas e negando a abandonar o nosso território.

Um dia do ano 1966 uma aeronave foi enviada pelo governo brasileiro e conduzida pelo exército para nos retirar de nosso território. Quando amanheceu, os *A'uwê* ouviram um barulho da aeronave. Os *A'uwê* foram avisados naquele momento que essa aeronave estava lá para transportá-los para outro território. Na porta do avião, ouve uma discussão entre jovens *A'uwê* que não queriam entrar na aeronave. Era um avião grande, dos militares, que cabia muitos de nós. Os militares estavam lá com aquela aeronave, permitindo aquela violência com meu povo, apoiando o interesse dos fazendeiros. Ninguém queria ir nem entrar naquela aeronave e ir para outro território, os fazendeiros e missionários começaram a ameaçar, dizer que iriam matar aqueles que ficássemos lá. Foram forçados a entrar, homens, mulheres, crianças, velhos. Os pertences das famílias ficaram em suas casas, tudo aconteceu rápido, ninguém pegou nada para levar. Alguns pensaram em fugir, mas os fazendeiros avisaram que aqueles que ficassem seriam mortos.

Naquele momento, na entrada do avião, os jovens guerreiros reproduziram a voz da espiritualidade *A'uwê Marãiwatsédé* afirmando que a partir daquele momento, muitos iriam morrer, prevendo o nosso destino, e foi o que aconteceu. Não há fotos do nosso embarque na aeronave, eu penso que elas foram destruídas, só há fotos do nosso desembarque na Terra Indígena de São Marcos. Foram cinco voos até São Marcos, levando todos os *A'uwê Marãiwatsédé*. Com o último embarque acabou tudo, acabou a autonomia dos *A'uwê Marãiwatsédé*. Aqui é o fim, é o fim das vivências, das práticas rituais, dos grupos de jovens, das pinturas, das expedições de caça, da vivência na mata densa. Dois dias antes de a aeronave chegar, houve um ritual de *wai'a* (de iniciação dos meninos, o poder da espiritualidade dos homens).

O contato com o *waradzu*, também, levou a proximidade e junção da história e tempo dos *A'uwê Marãiwatsédé* com os outros *A'uwê*. Após sermos removidos do nosso território, fomos levados para os territórios de outros *A'uwê*. Essa convivência não foi tranquila, para viver nesses outros locais, deixamos de



realizar as nossas próprias práticas, da nossa própria maneira como era em *Marãiwatsédé*. Tivemos que nos adaptar a outros modos de ser, agir e pensar *A'uwê*. Não estar em *Marãiwatsédé*, em nosso próprio território, convivendo com a mata, os rios, as plantas, as roças, tudo que era utilizado dentro do nosso conhecimento na maneira do nosso viver, nos fez ter que se adaptar a outras formas de conduzir a vida.

Após sermos removidos de *Marãiwatsédé*, fomos para a aldeia São Marcos, na Terra Indígena de São Marcos. Quando chegamos, em 1966, meu povo viveu uma epidemia de sarampo, muitos morreram. Fomos separados, alguns foram alojados nas construções da igreja localizada na Terra Indígena e outros em outras construções na Terra Indígena. Essas mortes também revelaram os conflitos com os *A'uwê*. Nossos mortos foram desrespeitados, foram todos sepultados em uma única cova. Isso nos causou muita dor e sofrimento, assim muitos fugiram e se uniram a outros grupos *A'uwê*, indo fazer parte de outras aldeias como Sangradouro e Couto de Magalhães.

Em 1974, as lideranças conseguiram reunir o grupo *A'uwê Marãiwatsédé* em Couto de Magalhães e realizaram o ritual de iniciação dos meninos juntamente com os *A'uwê* de Couto de Magalhães. Foi a primeira vez que um grande número de jovens de *Marãiwatsédé* estava realizando o ritual de iniciação novamente. Não foi a mesma coisa de fazer o ritual em *Marãiwatsédé*, mas foi muito importante retomá-lo. Tivemos que nos adaptar ao jeito de realizar o ritual dos *A'uwê* de Couto de Magalhães, esse era muito semelhante, mas havia algumas especificidades que eram realizadas somente em nosso território, entre nós. Em Couto de Magalhães, uma criança morreu afogada e isso casou uma tensão entre os *A'uwê*. A liderança da aldeia de Couto de Magalhães queria vingar a morte da criança e chamou os *A'uwê* de Kuluene para ajudá-los, eles achavam que éramos os culpados por essa morte. Fomos retirados das nossas casas e colocados no centro do pátio, houve uma tensão crescente, mas parentes de Couto de Magalhães conseguiram acalmar a família da criança. E foi decidido que iríamos partir novamente.

Em 1982, fomos para Areões, onde construímos uma aldeia improvisada *Êté'are*. Uma liderança de Areões foi nos buscar e a FUNAI estava presente também. Não ficamos por muito tempo. A aldeia improvisada foi construída em um local com pouca água, o que tornou inviável nossa permanência. Seguimos para a Terra Indígena de Pimentel Barbosa, onde construímos a aldeia de Água Branca e ficamos até a retomada do nosso território. Lá tivemos, também, muitos atritos com os *A'uwê* de Pimentel Barbosa, eles nos avisavam que não poderíamos viver em seu território por muito tempo, pois nós não éramos os fundadores daquele local. Eles nos chamavam de "Sem Terra". Mesmo assim, tínhamos uma boa convivência com alguns *A'uwê* de Pimentel Barbosa, que nos acolheram.

Passamos a contar o tempo do *waradzu* (branco), a estar no espaço do *waradzu*, a traduzir o nosso mundo para ser entendido pelo *waradzu*. O tempo, quando aconteceu a nossa expulsão e a nossa retomada, passou a ser vigiado pelo tempo da justiça do *waradzu*. O espaço ou território da Terra Indígena,

das fazendas, das cidades, ou seja, dos *waradzu*, passou a fazer parte das nossas vidas. E precisávamos entendê-los cada vez mais para negociar nossa sobrevivência.

Costa (2006), usando a fala de Hall, explica como no encontro colonial, ou “primeiro contato” como é denominado pelos *A'uwê*, fez uma violenta junção de temporalidades e histórias. Aqui estou tratando dessa junção entre os *A'uwê* e o *waradzu* onde passamos a ter o tempo contato dos *waradzu* e este se iniciou em 1966, quando fomos retirados do nosso território. E seguimos este tempo do *waradzu*, resistindo até a retomada de pequena parte do nosso território em 10 de agosto de 2004. Assim, todo *A'uwê Marãiwatsédé* conhece desse tempo da retomada, marcado dessa maneira:

- Em 1966, fomos retirados do nosso território;
- Em 1992, na ECO/92, ocorreu uma grande assembleia quando as lideranças Xavante estavam reunidas e obtivemos apoio internacional e nacional. Teve início a articulação política no mundo dos brancos para a retomada do território;
- No processo de retomada do nosso território, nosso cacique teve apoio de algumas lideranças *A'uwê*, pressionando a FUNAI, o Ministério da Justiça, o Ministério Público. Essas lideranças também nos auxiliavam na observação da movimentação dos posseiros;
- Em 1998, iniciou-se na FUNAI o processo de identificação, demarcação e homologação. Saiu o decreto de homologação da Terra Indígena *Marãiwatsédé*. As lideranças decidiram que a Terra Indígena deveria ser desocupada antes da ida dos *A'uwê*. Ao mesmo tempo, intensificou-se a presença de brancos em nosso território como uma estratégia de impedir a retomada, mesmo após o reconhecimento da Terra Indígena de *Marãiwatsédé* pelo Estado brasileiro;
- Em 2003, ocorreu a ida dos primeiros guerreiros ao território, o que se configurou em uma primeira tentativa por parte dos *A'uwe Marãiwatsédé* em retomar o território. Foram, aproximadamente, 40 guerreiros retomar o território, mas diante de muita pressão e ameaças dos fazendeiros, eles recuaram. Havia muitos *waradzu* em nosso território. Iniciou-se uma mobilização do cacique junto com a FUNAI para realizar a retirada dos *waradzu*. E, novamente, em novembro, um novo grupo de guerreiros com o apoio de outros Xavante retornou a *Marãiwatsédé*. No percurso até a Terra Indígena, eles foram impedidos de chegarem ao território e fizeram um acampamento, próximo à divisa do território, esse local foi denominado de *Rowatsétedzépa* (Córrego de Conflito). Ficamos nove meses neste local, de 2003 a 2004, homens, mulheres e crianças estavam aguardando a entrada no território;
- Em 2004, três crianças *A'uwê* morreram no acampamento, fragilizadas pela situação, foram enterradas no limite do território. Obtivemos a sentença do juiz que permitiu a nossa entrada no território. Fundamos a primeira aldeia

de *Marãiwatsédé*, denominada de *Marãiwatsédé*. Mesmo a justiça tendo impedido a ação dos *waradzu* que evitavam a nossa entrada em nosso território, parte dele ainda estava ocupado pelos *waradzu*.

- Entre 2004 e 2011, os *waradzu* estavam ocupando grande parte do território, ao longo deste tempo, fizemos mobilizações e pressões para que esses fossem retirados.

- Em 2012, obtivemos uma nova decisão judicial favorável a nós pelo Supremo Tribunal Federal. Em novembro, teve início as notificações para que os *waradzu* desocupassem nosso território. Em dezembro, a Polícia Federal, a Força Nacional, a Polícia Rodoviária Nacional e o Exército estavam em área cumprindo a ordem judicial. Ao longo desse processo de desintração, a situação ficou muito tensa entre por um lado, os *A'uwê* e policiais, e por outro, os *waradzu*. Passamos três meses sem sair da aldeia, sem ir às cidades. Esse processo de desintração foi de 2012 a 2013, a reintegração de posse oficial aconteceu em 5 de abril de 2013 com assinatura da Presidenta da República. Após a desintração, os posseiros vêm fazendo várias tentativas de invasão ao nosso território até os dias de hoje.

- Em 2015, fundamos mais três aldeias *A'õpa*, *Maqdzabdzé* e *Êtêwawê*, como estratégia de reocupação e vigilância do nosso território como fizemos no início do contato.

- Em 13 de maio de 2016, com o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, os posseiros se reanimaram em invadir nosso território, passamos a ter que intensificar a vigília do nosso território e com nossos familiares. As lideranças *waradzu* que articulavam uma nova invasão do território foram presas a partir de uma ação do Ministério Público. E tempos mais difíceis surgiram.

Esse encontro colonial ou do “contato” de temporalidades e historicidades foi acompanhado também por um encontro de espacialidades, de conceitos ou perspectivas sobre territórios. Assim, o nosso território de *Marãiwatsédé* onde vivíamos uma ocupação e manejo mais livre, tendo cuidado e se relacionando com a mata, os animais, os rios, passou a ter limites por onde poderíamos ou não estar. Assim, a Terra Indígena *Marãiwatsédé* tem um limite, o que é uma perspectiva dos *waradzu*. E tivemos que nos adaptar para termos nosso território e não o ter invadido pelo *waradzu*. O conceito de Terra Indígena faz parte de uma organização do Estado brasileiro, ao que tivemos que nos adequar.

Nós nos esforçamos por compreender os conceitos e perspectivas do *waradzu*, como por exemplo, as noções de território que ele tem. Mas, o *waradzu* não entende e não que entender a nossa perspectiva de território, como nos relacionamos com esse território, com as criaturas, as plantas, os rios, os animais, e como realizamos a nossa circulação neste território mais amplo, livre de cercas. Essa incompreensão sempre será uma fonte de conflito. O esforço de tradução sempre parte dos *A'uwê*, pois os *waradzu* pensam e agem somente tendo como objetivo seus interesses econômicos. Para nós, o território é usado de maneira que mantenha o nosso bem viver, as nossas crenças, os nossos

rituais, as nossas práticas de organização social, de cultivo, de coleta, de caça e de pesca.

Entendemos o mundo de outra maneira, onde o *waradzu* pensa que é sul para nós é *Römhoimo* (parte de cima); o norte é *Ropi'reba* (parte de baixo); o oeste *Botoputsidzé* (nascente do sol); o leste é *Botodzatsidzé* (poente); e o centro do mundo é onde fica *Marãiwatsédé*.

Os *A'uwê* não são todos iguais, não devem ser tratados de forma geral como um único povo, mas somos diversos internamente. Cada povo vinculado ao seu território constrói a sua história de origem. Quando precisamos do apoio do outro, nos unimos e nós ajudamos como povo *A'uwe uptabi*.

No fim do ano de 2003, fizemos grandes mobilizações e tivemos articulação muito forte e recebemos vários apoios do próprio povo *A'uwê Uptabi* de outras Terras Indígenas (Parabubure, São Marcos, Kuluene). Fizemos várias tentativas de retomado do território, quando nos aproximamos da divisa da Terra Indígena *Marãiwatsété Tsipodo*. Os fazendeiros e posseiros com o apoio de políticos fizeram barreiras para evitar nossa passagem. Neste momento, foi decidido que ficaríamos acampados próximo a este córrego, denominados por nós por *rowatsétédzépa* (córrego de conflitos).

Ficamos 10 meses neste acampamento dos *A'uwê Marãiwatsété Tsipodo*, pressionando o governo para nos dar a nossa terra. Com essa nossa presença e pressão, agentes da FUNAI vinham conversar e nos dar o apoio necessário. Os líderes *A'uwê* pediam à FUNAI que se esforçasse em apressar o processo de nossa retomada. Neste momento, tínhamos uma confiança grande na FUNAI, sabíamos que era o órgão que nos representava no governo, precisávamos da FUNAI, não havia outra entidade.

Depois de alguns meses, o acampamento foi reforçado com a vinda de algumas famílias de mudança definitiva. Mulheres e crianças estavam presentes. Vivíamos uma situação perigosa no acampamento na beira da estrada com o intenso movimento de caminhões, mas eles permaneceram com muito sacrifício. Não tínhamos assistência com segurança e saúde. Havia somente a presença da FUNAI ao longo do tempo em que ficamos acampados.

Nessa situação precária, sem assistência à saúde, três crianças *A'uwê* faleceram ao longo de três dias. Foi muito triste. O consumo da água imprópria e a poeira causaram as mortes das três crianças simultaneamente. Os *A'uwê Marãiwatsété Tsipodo* receberam a visita do representante da Organização da Nação Unidas-(ONU). O local, onde foram enterradas as crianças, foi escolhido por ser bem no limite da Terra Indígena *Marãiwatsédé*. Foi importante garantir que enterrássemos elas em nosso território, na Terra Indígena *Marãiwatsédé*.

Em uma noite de 2004, o *warâ* se reuniu e decidiu que iríamos retomar o nosso território, fomos movidos pelas mortes das crianças. Os *A'uwê Marãiwatsété Tsipodo* se mobilizaram no acampamento da BR 158 com a decisão de entrar com todos os esforços para fazer a reocupação. Estávamos decididos de fazer valer o nosso direito sobre o território de *Marãiwatsédé*, mesmo que houvesse

conflito. Os guerreiros estão preparados e planejando a reocupação. Enquanto isso, os outros *A'uwê* que ficaram no acampamento estavam efetivando a reocupação de pequena área do território de *Marãiwatsédé*.

Neste momento, houve a coincidência de ter saído a sentença do judiciário favorável à nossa reocupação. Essa reocupação inicial se deu em uma pequena área, porque grande parte do território estava invadido pelos *waradzu*. Mais tarde, eles foram retirados.

Encontramos o território muito estragado com a ocupação dos *waradzu*, com o que eles fizeram em nosso território, ao lado da mata ciliar, há uma área gradeada, arada para plantação da louvara. Ficamos muito tristes de encontrar nosso território dessa maneira, mas era importante reocupar para que a mata voltasse, ela precisa dos *A'wê Marãiwatsédé* assim como nós precisamos dela. Conforme disse o cacique Damião, ele gosta de ver a cara da onça pintada, assim queremos ver os animais circulando novamente em uma mata em *Marãiwatsédé*. Segundo o cacique, na primeira noite da retomada, os *A'uwê* ficaram muito alegres e dançaram com a lua clara. O cacique Damião afirma que nunca irá esquecer a retomada e esta primeira noite.

O dia 05 de abril de 2013 foi o dia da reintegração de posse para o governo brasileiro aos *A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo*, de todo o território. Esta data marca o fim da retirada de todos os invasores. Esse dia marca a retirada dos *waradzu* do nosso território, que ocupavam de má fé a partir do crime de terem nos expulsados do nosso território. Em 1998, teve início o processo de identificação e demarcação que teve fim em 2013. Este dia foi de muitas emoções das conquistas que conseguimos com a retomada, da memória do território de *Marãiwatsédé*. Seguimos confiantes na reocupação do nosso território, essa travessia de luta durou 47 anos.

Espero que, futuramente, este trabalho possa ser usado por nossa comunidade e outros povos indígenas. Também, quero continuar a aprender o conhecimento dos brancos e estudar as políticas públicas que não estão sendo cumpridas com o meu povo. Assim, poderei representar o meu povo junto às lideranças dos brancos e cobrar os direitos que conquistamos. Os nossos direitos territoriais, culturais, educacionais, sanitários assegurados pela Constituição de 1988 estão sendo, a todo o momento, ameaçados.

Na Universidade de Brasília, visava ter um bom conhecimento sobre os mundos dos brancos e sempre representando os *A'uwêtsi Marãiwatsédé*. Apresentar este trabalho na minha dissertação significa contribuir no âmbito da reparação moral/emocional como desdobramento do ato de lembrar e reconstituir a história do deslocamento forçado.

Precisamos de políticas públicas construtivas e coletivas voltadas para o nosso povo, temos vários desafios que vieram do impacto das instalações das fazendas e expansões das plantações sobre o nosso território e onde somos oprimidos pela produção de soja e agropecuária na região. O grande desafio é colocar em prática tudo isso que estou prevendo, ter o conhecimento do meu povo reunido

sobre o que é ser *A'uwê Marãiwatsédé* em nosso território, para que possamos pensar planos estratégicos de ocupação do território. Enfim, procurar superar as dificuldades que, hoje, estão presentes na reocupação do território.

## REFERÊNCIAS

COSTA, S. 2006. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *RBCS*, vol.021, n.60.

MAYBURY-LEWIS, D. 1984. *A Sociedade Xavante*. RJ: Francisco Alves

RITE, C. 2017. *Uso do Território a partir do modo de ser A'uwê Marãiwatsédé - Tĩ'a na dahoimanadzé Wahi'rata nori tsi Marãiwatsété hoimandzébdo hã*. Dissertação de Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, MESPT-UNB.